



IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA Portugal, território de territórios

ÁREA TEMÁTICA: Migrações, Etnicidade e Racismo [AT]

MIGRAÇÕES E CRISE: O COLAPSO DA EMIGRAÇÃO PORTUGUESA PARA ESPANHA

PINHO, Filipa

Doutoramento em Sociologia; CIES-IUL; ana_filipa_pinho@iscte.pt

Resumo

Neste texto apresenta-se uma pequena síntese da discussão sobre a relação entre migrações e crise económica, ilustrada com o caso da emigração portuguesa para Espanha. País europeu líder de imigração entre 2000 e 2007, Espanha ocupou, entre 2004 e 2008, o primeiro lugar no conjunto dos destinos mais procurados pelos portugueses. A crise financeira mundial de 2008 e a crise espanhola do imobiliário que lhe esteve associada tiveram um grande impacto neste fluxo, nomeadamente devido ao rápido e intenso crescimento do desemprego. Entre remigração e retornos, diminuiu o número de portugueses residentes naquele país, embora os fluxos de entrada estejam a subir novamente e não haja muitos estudos atualizados acerca desta migração. A emigração para Espanha teve uma inserção profissional distribuída essencialmente entre a construção e os serviços nos últimos anos, e a descida parece dever-se principalmente à incapacidade do primeiro setor para absorver mão-de-obra durante e após a crise. Parece manter-se um fluxo com importância com inserção no setor dos serviços, mas esta tendência carece de mais estudo e desenvolvimento. Portanto, não existe uma relação simples entre crise económica e migrações; dependerá dos países, do tipo de crise e setores atingidos, e dos migrantes envolvidos.

Abstract

In this paper we present a short summary of the discussion on the relationship between international migration and economic crisis, illustrated by the case of Portuguese emigration to Spain. Leading European immigration between 2000 and 2007, Spain was the major country of destination for the Portuguese outflows between 2004 and 2008. The global financial crisis of 2008 and the Spanish real estate crisis had a huge impact in the Portuguese inflows, due to the fast and intense growth in the unemployment rate. Among remigration and returns, decreased the number of Portuguese residents in the country, although the inflows are rising again and there are not many recent studies about this migration. Portuguese emigration to Spain was distributed primarily between the building construction and services sectors in recent years, and the decline appears to be due mainly to the first sector inability to absorb labour supply during and after the crisis. An important inflow to services sector needs further study and development. Therefore, there is no simple relationship between economic crisis and migration. It depends on the countries involved, type of crisis and affected sectors, and migrants.

Palavras-chave: migrações internacionais; crise; emigração portuguesa; Espanha; construção

Keywords: international migration; crisis; Portuguese emigration; Spain; building construction

[COM0575]

1. Introdução

Neste texto apresenta-se uma pequena síntese da discussão sobre a relação entre migrações e crise, ilustrada com o caso da emigração portuguesa para Espanha. Também se atualiza alguma informação já publicada em trabalho anterior (Pinho & Pires, 2013).

Historicamente a emigração portuguesa para Espanha respondia à oferta de trabalhos sazonais em zonas fronteiriças (López-Trigal, 2003). Nos anos 1960, algumas entradas em Espanha resultavam, também, de percursos interrompidos em direção a França ou ao Luxemburgo. A partir de 1990, as zonas fronteiriças começam a perder importância relativa como polos de atração da emigração portuguesa, começando a ser substituídas pelas grandes cidades, como Madrid ou Barcelona (López-Trigal, 2003). A esta mudança estava associada uma nova composição da emigração portuguesa para Espanha, em resultado do aumento da procura de trabalho nos serviços e, mais tarde, nos sectores da construção e das obras públicas.

Para a emigração portuguesa, Espanha ocupou, entre 2004 e 2008, o primeiro lugar no conjunto dos destinos mais procurados, devido particularmente ao apelo exercido pelo setor da construção; e era, em 2008, o sexto país com mais portugueses emigrados. Com a crise do imobiliário em Espanha, e com a descida do investimento no setor da construção, desceu muito a emigração e o número dos portugueses em Espanha também diminuiu. Atualmente, a atração que Espanha exerce na emigração portuguesa será semelhante à que exercia antes do *boom* anterior à crise. Depois do colapso de uma parte da emigração, mantém-se um fluxo migratório do qual ainda se sabe pouco, mas cuja existência permite afirmar que os efeitos da crise espanhola se fizeram notar essencialmente a um nível setorial entre os ativos portugueses aí residentes.

2. Migrações e crise: que tipo de correspondência?

A explicação clássica das migrações associa-as à procura de melhores condições de vida e tem subjacente uma perspetiva económica que, não tendo sido desenvolvida especificamente para as migrações, consiste numa aplicação do paradigma a este campo. O princípio do *homo economicus* assume o ser humano provido de uma racionalidade que o orienta para a maximização de vantagens e minimização do desconforto nas suas decisões económicas, através de um cálculo metódico de custos e benefícios associados quer à transferência para o destino migratório, quer à permanência na origem. As maiores migrações resultariam do “desejo inerente à maioria dos homens de melhorarem em termos económicos” (Ravenstein, 1889, pp. 286).

Os modelos de repulsão-atração que derivaram daquela reflexão atribuem às causas das migrações uma combinação de fatores de repulsão e atração, como por exemplo a pressão demográfica e a falta de oportunidades económicas (repulsão), subjacentes a que os indivíduos se sintam atraídos, por exemplo, pela oferta de boas oportunidades de trabalho noutra país (atração).

A análise macroeconómica neoclássica ao mercado de trabalho é feita com base nos mesmos princípios daquele. Assume-se que a existência de disparidades económicas entre países é suficiente para gerar fluxos migratórios e que as migrações ocorrem devido a diferenciais de salários entre regiões/países, havendo movimentos de mão-de-obra em direção às que têm salários mais elevados e menos mão-de-obra, o que pode contribuir para o ajustamento desse fator. Nesta perspetiva, os movimentos de indivíduos entre mercados laborais são produtos de escolhas individuais livres numa população homogénea potencialmente migrante e podem cessar com o ajustamento dos salários (Cf. Massey et al., 1993).

Estas perspetivas conduzem, no caso das migrações internacionais, à associação direta entre emigração onde há a deterioração das condições de trabalho e a diminuição da procura entre e imigração em países onde há procura de trabalho. Ou seja, uma situação económica desfavorável de crise pode empurrar os residentes a deixar o país para procurar o trabalho fora, em países onde haja oportunidades. Do ponto de vista do país que precisa de mão-de-obra, a parte adicional vem do estrangeiro. E entre países onde a mobilidade seja facilitada pela proximidade geográfica ou pela liberdade de circulação, mais probabilidade existe que essa mobilidade ocorra, também através de recrutamento pelos empregadores (Piore, 1979).

A existência de migrações entre países cujos mercados de trabalho não estão globalmente prometedores no mesmo período coloca a necessidade de ir mais além na análise, e de considerar que a associação entre migrações e depressão nos ciclos económicos, ou crises, pode não ser linear, e que há outros fatores a ter em consideração. A relação entre estes dois fenómenos dependerá do tipo de crise e dos setores em que se fará mais sentir, da sua extensão, dos países de origem e destino e da composição da migração (OCDE, 2009, pp. 3). Ou seja, do ponto de vista do país de imigração, se um setor de atividade tiver muita procura de mão-de-obra e a oferta interna não for suficiente, esse setor poderá recorrer à oferta externa e a imigração global subirá. Quando, e se, esse setor entrar em crise, pode não ser possível absorver a mão-de-obra excedentária e sentir-se-á a descida da imigração. Em casos em que a migração tiver uma composição heterogénea, e já se fizesse sentir antes do recrutamento setorial específico, a migração poderá continuar num nível mais baixo. No caso em estudo, importa, pois, caracterizar o contexto da imigração em Espanha, assim como a sua composição, de modo a compreender o tipo de relação que revelou com a crise mundial que afetou os dois países e, como se comportará na atualidade. É o que se faz de seguida.

3. Emigração portuguesa para Espanha e crise

3.1 Contexto

À semelhança de Portugal, Espanha também se tornou, nas últimas décadas do século XX; um país com um padrão misto de emigração e imigração, em resultado do aumento da atração que conquistou na sequência da entrada na então CEE. Em 1989, tinham entrado 250 mil estrangeiros em Espanha (Stalker, 1994). Entre 1997 e 2006¹ a imigração cresceu intensamente, de 36 mil, para 803 mil entradas de população estrangeira (OCDE, 2008b). Entre 2000 e 2007, o país registou um crescimento de 4,8 milhões de imigrantes, o que elevou a população estrangeira total a 5,3 milhões, num total de 46 milhões, em 2008 (Domínguez-Mujica *et al.*, 2014).

O crescimento da economia espanhola e a expansão do mercado de trabalho criou uma procura por trabalhos não qualificados e informais preteridos pela população. A disponibilidade de trabalhadores não qualificados ou inexperientes no mercado de trabalho espanhol preencheu postos de trabalho criados nos setores intensivos em trabalho e, especialmente, em setores dos serviços onde o trabalho local era escasso (Domínguez-Mujica *et al.*, 2014). O mercado de trabalho regulava a imigração, que por sua vez alimentava o mercado de trabalho e propiciava o crescimento, numa dinâmica já explicada em trabalho clássico (Piore, 1979).

A nova atração migratória de Espanha no contexto europeu tinha também origem na maior mobilidade intraeuropeia e no estatuto preferencial de que podiam usufruir os provenientes das ex-colónias espanholas nos domínios das permissões de trabalho e da naturalização (Stalker, 1994). A entrada de imigrantes em Espanha prosseguiu, como em Portugal, até ao fim da primeira década dos anos 2000.

Os portugueses também fizeram parte do contingente de imigrantes em Espanha. Neste período de expansão económica, e no contexto de livre mobilidade intraeuropeia, o país vizinho apresentava-se como uma extensão do mercado de trabalho português. Eram retratados na comunicação social os trabalhadores da construção civil que se deslocavam em modalidades pendulares (mas não só), assim como alguns migrantes para o setor dos serviços.

Com a recessão em Espanha, em 2008 e 2009, o aumento das taxas de juro e as dificuldades no acesso a fundos, houve um abrandamento da procura, uma diminuição no consumo e refrearam as atividades imobiliárias e no setor da construção. A diminuição do emprego afetou a população estrangeira residente e a taxa de desemprego da população estrangeira subiu mais, entre o terceiro quartel de 2007 e o terceiro quartel de 2008 (de 11,8% para 17,5%), do que a da população nativa (de 7,4% para 10,2%); esta diferença ainda se alargou mais no fim de 2008 e início de 2009 (Domínguez-Mujica *et al.*, 2014). O desemprego em Espanha atingiu 15,5%, mais 6,2 pontos percentuais do que no ano anterior (OCDE, 2009, pp. 5).

Em Portugal o desemprego também aumentava, a crise instalou-se com as medidas de austeridade para a redução do défice, mas o primeiro efeito ao nível das migrações foi a retração, tendo a emigração retomado apenas em 2010.

Embora a população portuguesa tenha descido no conjunto dos residentes em Espanha, verificam-se anualmente entradas na ordem dos seis milhares e ainda residem cerca de 106 mil portugueses imigrados, como se poderá ver mais à frente. E, tendo em conta que o país de destino já não oferece as condições atrativas de outrora e passou por uma crise muito profunda, alguns autores referem que com a recessão não veio a redução que se esperava nos fluxos de imigração: as taxas de migração desceram, mas não pararam; não houve retorno em massa de desempregados; as remessas desceram, mas recuperaram e maioria dos imigrantes fez o melhor que pode para atravessar a crise (King, 2016, pp. 30).

3.2. Fluxo de entradas e estoques

Existem grandes oscilações nos contingentes de naturais de Portugal em décadas do século XX anteriores a 1990, que se deveriam ao facto de a emigração de então para Espanha responder à oferta de trabalhos sazonais em zonas fronteiriças, sobretudo galegas, como Pontevedra e Ourense (durante a década de 1950, aí residiam 74% de portugueses) (López-Trigal, 2003).

Desde meados da primeira década dos anos 2000 e até 2008, Espanha foi, além de líder europeu de imigração, o principal destino da emigração portuguesa. Entre 2003 e 2007, as taxas de crescimento anual das entradas de portugueses foram sempre superiores a 30% e chegaram, mesmo, a ser de 104%.

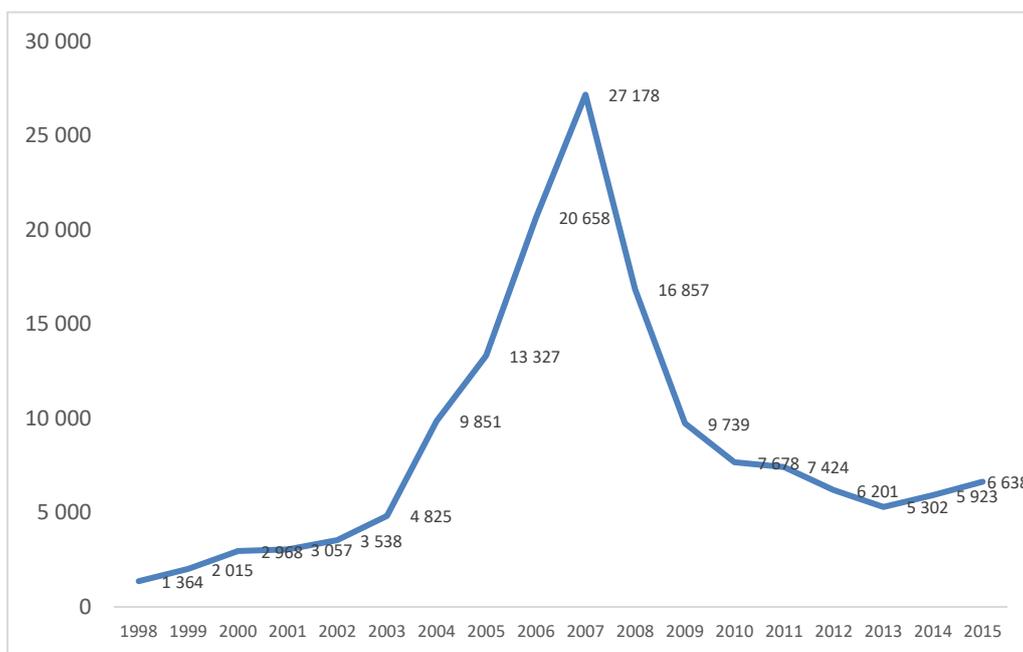


Figura 1 – Entrada de portugueses em Espanha, 1999-2015

Fonte: INE Espanha, séries anuais da Estadística de Variaciones Residenciales, Altas por variación residencial con procedencia del extranjero por país de nacionalidad (base acedida em 24/09/2016), gráfico elaborado pela autora.

A partir de 2007 as entradas decrescem ao ritmo a que haviam subido, com taxas de crescimento negativas (entre -20 e -40%) (ver figura 1): de 27.178, em 2007, passaram para 16.857 no ano a seguir e continuaram a descer. Contrariando a tendência da emigração portuguesa global, que retomou o ritmo de crescimento a partir de 2011, o fluxo continuou a descer para valores pouco acima das 5.000 entradas e apenas a partir de 2013 apresenta uma taxa de crescimento positiva, e foram cerca de 6.600 as entradas em 2015 (ver figura 1).

Em relação aos estoques da população nascida em Portugal e residente em Espanha (ver figura 2), verifica-se, entre o fim da década de 1990 e o fim da primeira década de 2000, que o número de portugueses foi sempre aumentando, tendo depois começado a estabilizar e a descer (desde 2010). Este facto decorre das descidas nos fluxos anteriormente assinaladas, mas também significa que, além da diminuição da emigração portuguesa para Espanha, há retornos ou remigração para outros destinos, de portugueses já emigrados naquele país. Para se ter uma ideia de como eram os contingentes anteriores à década aqui analisada, refira-se que, nos anuários do Instituto Nacional de Estatística espanhol (referidos em López Trigal, 1995), os “nascidos em Portugal e residentes em Espanha” eram, no início da década de 1990, pouco mais de metade do que eram em 1999.

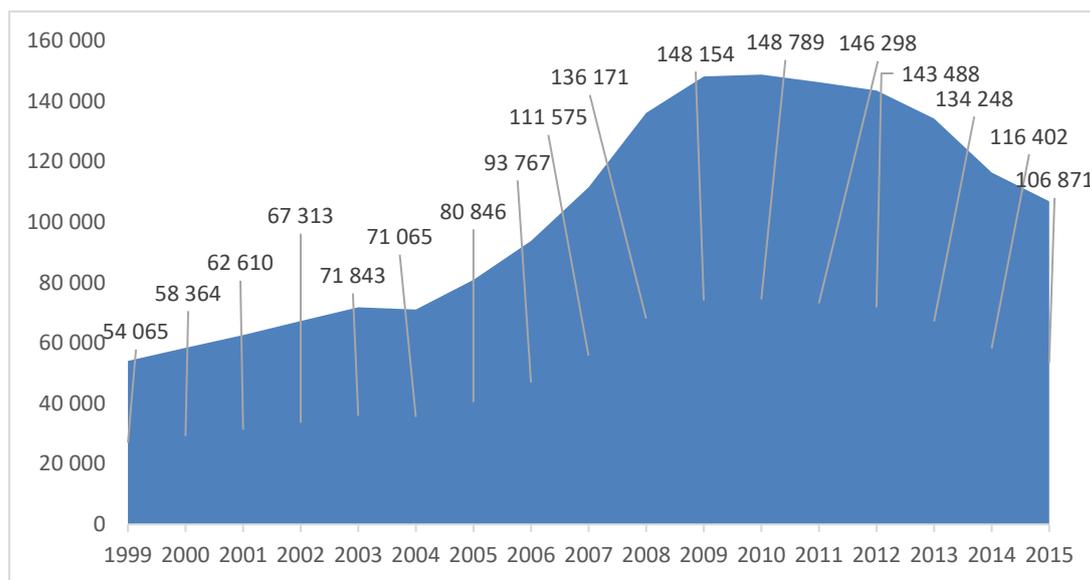


Figura 2 – População nascida em Portugal residente em Espanha, 1999-2015. Fonte: INE Espanha, séries anuais do Padrón municipal de habitantes, gráfico elaborado pela autora.

O colapso da emigração portuguesa para Espanha coincidiu com a crise mundial e em Espanha. No entanto, esta é apenas uma parte da história acerca desta emigração; continua um fluxo migratório que carece de estudo e que já ocorria parcialmente antes da crise.

3.3. Composição do fluxo: alguns dados

Nos anos 1960, algumas entradas em Espanha resultavam de percursos interrompidos em direção a França ou ao Luxemburgo. Nos anos 1970 e 1980, a emigração portuguesa, de carácter económico e de trabalhadores não especializados, dirigia-se para a bacia mineira de Leão, para as Astúrias, Madrid e Andorra (López-Trigal, 2003). As zonas fronteiriças perdem importância relativa como polos de atracção da emigração portuguesa, sendo progressivamente acrescentadas grandes cidades, como Madrid ou Barcelona, e diversificados os setores de inserção profissional dos portugueses.

No início dos anos 2000, a emigração portuguesa era descrita com alguns traços distintivos relativamente a outros grupos migrantes. Destaca-se, dessa caracterização, a afinidade cultural e a vizinhança com o país de destino, o modelo territorial mais disperso que no passado (que os aproximava mais dos restantes migrantes estrangeiros) e o crescimento do tipo económico-profissional da migração, com emprego sobretudo no setor dos serviços (López-Trigal, 2003).

Recorrendo às estatísticas das inscrições na segurança social, é possível ter acesso à distribuição dos portugueses residentes em Espanha ativos, por setor de atividade (apenas até 2008²), ainda que o número de

portugueses inscritos na segurança social e/ou com contratos registados fique aquém do contingente da população registada como residente no *Padrón Municipal*.³

De facto, com o aumento das entradas de portugueses em Espanha, durante a primeira década de 2000, os setores de atividade em que os portugueses imigrados em Espanha se inserem tem duas concentrações fortíssimas: construção e serviços (ver figura 3). No gráfico da figura 3 é possível observar que o setor dos serviços e da construção sobem os seus contingentes até 2007 e descem em 2008, mas que o setor em que se observa um maior aumento e uma maior queda é o da construção (de 72.197, descem para 53.004), e o dos serviços não tem uma queda proporcional. Não são o setor da indústria, nem o da agricultura, que contribuem com a maior parte do contingente de portugueses imigrados, setores esses que também se mantêm praticamente inalterados durante os anos aqui em análise.

Antes do *boom* dos empregos na construção e nos serviços, o perfil do emigrante médio português era o de um jovem com família e um nível de vida em progressiva melhoria, com trabalho em atividades diversas de construção, indústria mineira, serviço doméstico e hotelaria, e em alguns trabalhos sazonais na agricultura (López Trigal, 1995: 114).

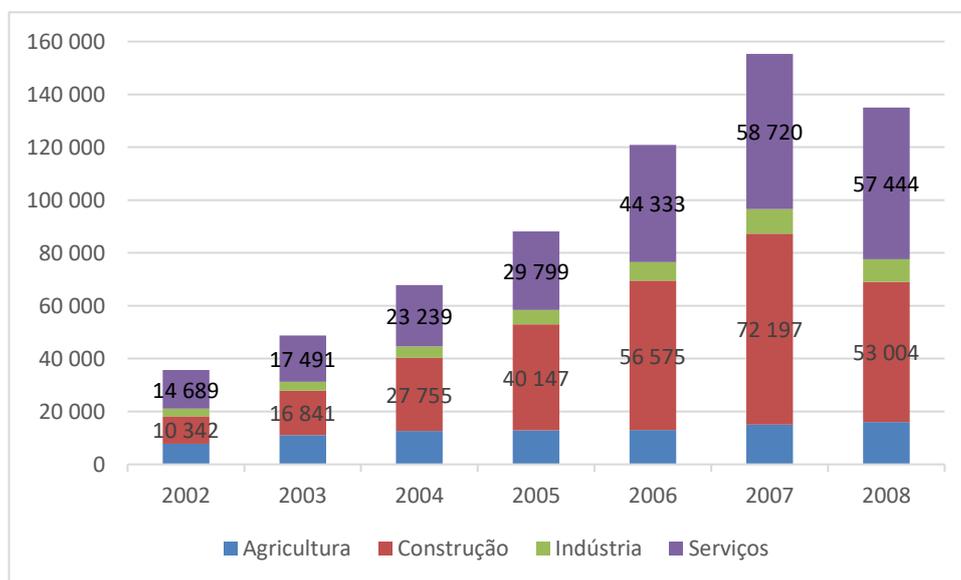


Figura 3 - Portugueses com emprego residentes em Espanha, por sectores de atividade, 2002-2008. Fonte: Observatorio Permanente de la Inmigración, Anuario Estadístico de Inmigración, *Contratos registados correspondientes a trabajadores extranjeros según sexo, nacionalidad y sector de actividad*. Gráfico elaborado pela autora.

4. Nota conclusiva

Ainda é preciso atualizar a informação relativa às inscrições na segurança social para poder afirmar se as tendências reveladas pela combinação dos dados e da informação de enquadramento se mantêm. Mas, no que respeita à relação entre migrações e crise, o caso da emigração portuguesa para Espanha é um exemplo paradigmático da complexidade que esta relação pode assumir. O fluxo ressentiu-se com a crise, porque vinha a subir muito em volume e no destino parecia deixar de haver lugar para uma parte dos migrantes que o compunham, e para absorção de mais mão-de-obra. Parece, contudo, que a descida se deverá essencialmente aos migrantes inseridos na construção civil, e que o setor dos serviços continuará a absorver mão-de-obra portuguesa. A ser assim, a caracterização demográfica da população deverá voltar ao equilíbrio

anterior em termos de género (durante o apogeu da construção, era maioritariamente masculina) e insiste-se na necessidade de melhor a conhecer e compreender, para contribuir para a elucidação teórica da relação entre migrações laborais e crise, um problema que não deverá ser equacionado em abstrato, mas tendo em atenção os setores de atividade de inserção dos migrantes, o contexto histórico em que os fluxos ocorrem e os países em causa.

4. Referências

Domínguez-Mujica, Josefina, Raquel Guerra-Talavera e Juan Manuel Parreño-Castellano (2014). Migration at a time of global economic crisis: the situation in Spain, *International Migration*, 52(6), pp. 113-127.

King, Russel, e Aija Lulle (2016). *Research on Migration: Facing Realities and Maximizing Opportunities - A Policy Review*, European Commission - Directorate-General for Research and Innovation.

López Trigal, Lorenzo (1995). Revisión de los estudios sobre la migración portuguesa en España, *População e Sociedade*, 1, 109-118.

López Trigal, Lorenzo (2003). Últimas tendencias migratorias en España y sus repercusiones en las áreas urbanas, *Revista da Faculdade de Letras - Geografia*, XIX, 283-294.

Massey, Douglas, Joaquin Arango, Graeme Hugo, Ali Kouauci, Adela Pellegrino e J. Edward Taylor (1993). Theories of international migration: a review and appraisal, *Population and Development Review*, 19 (3), pp. 431-466

OECD (2008). *International Migration Outlook - SOPEMI 2009*.

OECD (2009). *International Migration Outlook - SOPEMI 2009*.

Pinho, Filipa e Rui Pena Pires (2013). *Espanha, Country Reports*, 1, Lisboa: Observatório da Emigração, CIES-IUL, ISCTE-IUL. DOI: 10.15847/CIESOEMCR012013. URL: http://observatorioemigracao.pt/np4/file/3725/OEm_CountryReports_01_2013_Espanha.pdf.

Piore, Michael (1979). *Birds of Passage. Migrant Workers and Industrial Society*, Nova Iorque, Cambridge University Press.

Ravenstein, E.G. (1889). The laws of migration, *Journal of the Royal Statistical Society*, 52(2), pp. 241-305.

Stalker, Peter (1994). *The Work of Strangers*, Genebra, International Labour Organization.

¹A Espanha passou por duas amnistias neste período, em 2000 e 2001 (e já tinha passado por uma em 1996) para migrantes irregulares, o que explica algumas subidas nos fluxos.

² Embora não tenha sido possível, ainda, atualizar esta informação, estas estatísticas ajudam a identificar tendências o que, neste momento de início de projeto, é o possível e o suficiente para o que se pretende.

³ Nos dados da segurança social não estão contemplados todos os imigrados, sendo o seu universo constituído pelos estrangeiros residentes *ativos*.